

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo II: a Física de Epicuro*. São Paulo: Paulus, 2022.

A mais recente publicação de Miguel Spinelli sobre a Filosofia de Epicuro, lançada em 2022, é continuação da sua obra *Epicuro e as bases do epicurismo*, de 2013. Nessa nova publicação, também pela editora Paulus, Spinelli se dedica à análise dos fundamentos da Física (*physiología*) de Epicuro. Tal análise é realizada em uma obra dividida em duas partes: (i) a primeira delas dedicada à apresentação da tradição cosmológica grega; (ii) a segunda parte apresenta, à luz dessa tradição, os pressupostos teóricos que compõem a Física epicurea. Em razão dessa estrutura, *Epicuro e as bases do epicurismo II: a Física de Epicuro*, obra de cunho histórico-filosófico (estilo característico dos trabalhos de Spinelli), atende tanto aos estudantes do Epicurismo, quanto àqueles que se dedicam a outras Filosofias da Antiguidade, tais como pré-socrática, platônica, aristotélica e estoica.<sup>1</sup>

A primeira parte do livro se intitula “Epicuro e a tradição cosmológica grega” e está dividida em dois capítulos.

<sup>1</sup> O leitor interessado na releitura promovida pelos primeiros filósofos da Crístandade acerca da Filosofia Grega também encontrará aqui um bom aporte teórico. No entanto, cabe salientar que Miguel Spinelli é autor de uma obra dedicada exclusivamente a esse tema. Cf.: SPINELLI, Miguel. *Helenização e recreação de sentidos: a filosofia na época da expansão do cristianismo – séculos II, III e IV*. Caxias do Sul: Educus, 2015.

Do Capítulo I, destacamos: i) a indicação de que, para além do atomismo de Demócrito, Epicuro também se serviu dos pressupostos de Anaxágoras para a formulação das bases de sua Física; ii) o esclarecimento a respeito dos termos sob os quais Epicuro foi admitido pela tradição como um “discípulo” de Demócrito; iii) a reflexão a respeito do modo como Epicuro entra em contato com a filosofia de Demócrito, a saber, por meio das respostas de Nausífanos às críticas feitas por Aristóteles ao filósofo de Abdera; iv) a apresentação dos pressupostos relativos à Física de Leucipo e Demócrito em paralelo ao Diálogo *Timeu*, de Platão. Sobre esse último ponto (iv), é possível identificar dois momentos da argumentação de Spinelli: no primeiro, ele evidencia os elementos de convergência entre Demócrito e Platão; no segundo, aponta para uma “cisão” entre as cosmologias de ambos, cuja causa seria a releitura dos primeiros “filósofos” da Crístandade, sobretudo, acerca da cosmologia de Platão.

Boa parte da análise que Spinelli empreende nessa primeira parte da obra é dedicada à cosmologia de Platão, perpassando conceitos fundamentais expressos no *Timeu*, tais como: *tò pân*, isto é, o todo, o universo; *tò ouranós*, o céu, o invólucro celeste, o mundo; *tò kósmos*, entendido como o ordenamento, o arranjo, a harmonia. Porém, talvez o conceito mais marcado nessa primeira parte seja o de *demiourgós* que, inclusive, é tema de um Apêndice de 99 páginas ao

Capítulo II. Deste Capítulo, destacamos os seguintes pontos: i) a análise relativa às referências do conceito de *demiurgo* no contexto da cosmologia de Demócrito; ii) a discussão sobre o tema da *geração espontânea* (*tà d'autómata gínetai*) na *Física* (*Perì phýseos*) de Aristóteles; iii) a abordagem da obra *Stromateis*, cuja autoria é atribuída a um Pseudo-Plutarco, a fim de apontar para o fato de que, em razão de sua mentalidade cristã, esse autor teria desfigurado os conceitos da cosmologia grega de modo a levar a posterioridade a acirrar um pseudoproblema: o do conflito entre mecanicismo (*automatía*) e providencialismo (*pronóia*); iv) a indicação de Anaxágoras como o precursor da tese dos infinitos mundos presente na *Física* de Epicuro.

Quanto à segunda parte da obra, intitulada “Pressupostos teóricos da *Física* de Epicuro”, Spinelli a dividiu em três capítulos. Do Capítulo I, destacamos: i) a apresentação da *Física* de Epicuro inserida na dialética do “um” e do “múltiplo”, sobretudo no que diz respeito ao método epicureu das explicações múltiplas; ii) a análise referente à questão da geração do mundo presente na *Física* de Epicuro à luz da discussão promovida por Platão, Demócrito e Parmênides; iii) as elucidações acerca das noções de “alto” e “baixo” no “todo” infinito tal como admitido por Epicuro; iv) a análise do átomo (apresentado como adjetivo do elemento arquétipo herdado de Demócrito) e do vazio, bem como dos conceitos de “necessidade” e “acaso” na *physiología* epicurea. Importante destacar também que, ao abordar essas (e outras tantas) questões, Spinelli labora no sentido de preparar o seu leitor para a discussão do assunto que ocupa o lugar central dos Capítulos II e III, qual seja, a teoria do “desvio” (*clinamen*) dos átomos.

Ao *clinamen* (sobre o que é, qual a sua função dentro da doutrina de Epicuro, as críticas que sofreu pela tradição, seus desdobramentos dentro da cosmologia grega em sentido *lato* etc.), Spinelli dedica algo em torno de 200 páginas. Ou seja, trata-se de um dos estudos em língua portuguesa mais profundos sobre o tema.<sup>2</sup> Relativamente aos demais temas que permeiam a discussão sobre o *clinamen* nos Capítulos II e III, destacamos aqui: i) a recepção da Filosofia de Epicuro entre os romanos; ii) a análise dos termos *primordia*, *corpora*, *semina*, *materies*, *corpúscula* e *exordia* empregados por Lucrecio em seu esforço de comunicar a doutrina de Epicuro aos latinos; iii) as críticas de Lactância à forma como, segundo a sua interpretação intencionalmente equivocada, Epicuro teria concebido a “providência” em sua Filosofia; iv) a relação que Spinelli constata entre as questões promovidas pelo Epicurismo acerca da liberdade e a Filosofia de Kant;<sup>3</sup> v) a diferenciação entre o conceito *arbitrium* presente na *De rerum natura* e o conceito de *livre-arbitrio* cunhado pela posterioridade.

*Epicuro e as bases do epicurismo II:* a *Física* de Epicuro é, sem sombra de dúvida, leitura obrigatória para todos que se dedicam ao estudo do Epicurismo, tanto em razão das respostas que apresenta à certos pontos dessa doutrina, quanto

<sup>2</sup> E que agora figura ao lado, porém, sob outra perspectiva, do indispensável artigo do também professor brasileiro João Quartim de Moraes. Cf.: MORAES, João Quartim de. A linha reta e o infinito na refundação epicureana do atomismo. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 14 (2004), p. 7-47.

<sup>3</sup> Sobre a relação de Kant com o Epicurismo, cf.: SPINELLI, Miguel. Kant leitor de Epicuro. In: *Studia Kantiana*, vol. 11 (2011), p. 96-121.

pelas questões que suscita. Aliás, eis aí outro aspecto da obra para o qual é preciso chamar a atenção: não raro, no decorrer de determinadas análises, o leitor irá se deparar com algumas indicações, feitas pelo próprio Spinelli, de temas para dissertações e teses, isto é, indicações para questões filosóficas que carecem de estudos mais aprofundados. Atitude curiosa para um escritor, mas típica de um (bom) professor. *Epicuro e as bases do epicurismo II* não se caracteriza por apresentar respostas ou interpretações inquestionáveis, acabadas, sem brechas para o contraditório, mas sim, por justamente promover o debate<sup>4</sup>, por instigar o leitor a desbravar novos horizontes e, assim, encontrar, ele mesmo, as respostas que procurava ao iniciar a sua leitura. Em um mundo acadêmico que findou por levar o texto filosófico a ser “[...] preferencialmente um arranjo técnico, ritualístico, burocrático, estressado com os requisitos formais, sem compromisso com a harmonia e o ritmo, carente de poesia e desobrigado da permissão de filosofar” (Spinelli, 2022, p. 18), o autor nos brinda com mais uma obra tão filosoficamente profunda, quanto agradável de se ler e reler.

*Rogério Lopes dos Santos*

Pesquisador na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, Brasil  
E-mail: rogeriolopes06@hotmail.com

---

<sup>4</sup> Sobre esse ponto, vale mencionar: (i) as “observações” de Spinelli sobre o que Marx escreveu sobre o *apeiros*, a saber, como uma propriedade dos átomos (2022, p. 94-95); (ii) a crítica à interpretação de Jean Brun e Maurice Solovine segundo a qual, para Epicuro, a *necessidade (anágke)* seria “absolutamente impensável” (2022, p. 503).